

obscurecer — a preocupação com certas manifestações de arte, pouco evidentes e menos sofisticadas, porém relevantes na compreensão de nossa realidade e suas tendências. Nessa linha pontificou Roger Bastide e ele é uma companhia recomendável!

Teófilo de Queiroz Junior

\*

NÉSTOR GARCIA CANGLIANI. *As culturas populares no capitalismo*. S. Paulo, Brasiliense, 1983. (Prêmio Casa das Américas, ensaio). Trad. de Cláudio N. P. Coelho. 150 p. ilustradas.

O capitalismo instalado em países dependentes se apropria das culturas populares, reorganiza seu significado e as funções a ela ligadas de tal modo, que provoca uma desestruturação dessas culturas populares “reorganizando-as num sistema unificado de produção simbólica” (p. 13). Depois do conflito, isto é, depois de rompida a unidade natural existente entre o agente social e seu produto, os elementos em parte desorganizados são recompostos, já subordinados a padrões estranhos à comunidade. O étnico é reduzido a simples “típico”, daí o gosto pelo exótico, pelas coleções de objetos para serem expostos na sala de visitas das residências das grandes cidades, o gosto pelas fotografias que atestam a presença do turista nos locais distantes e curiosos, o gosto pela procura de espetáculos em que foram transformados rituais, às vezes de sentido religioso. Esse é o problema vivido comumente hoje em dia, por muitas comunidades de países subdesenvolvidos, cujas culturas regionais se vêem (ou nem chegam a se verem, quer dizer, nem chegam a conscientizar esse fenômeno pelo qual passam) às voltas com mudanças bruscas, provocadas pelas elites consumistas, pelo turismo convencional, pela procura do exótico.

Sempre mantendo a preocupação do enfoque político, as observações contidas em *As culturas populares no capitalismo* se baseiam em pesquisas feitas em povoados mexicanos, entre 1977/80 ;todavia, são perfeitamente válidas para outros países que passam por situações semelhantes.

Canclini discute inicialmente os enfronhados conceitos de cultura, procura uma compreensão da cultura popular (ou o nome que se der a esse tipo de agir, pensar e sentir, próprios de largas faixas populacionais), para então tratar do resultado de suas investigações. Quatro são os fatores que levam à transformação do artesanato frente às imposições do capitalismo em países dependentes, segundo o autor: deficiências da estrutura agrária, necessidades de consumo, estímulo turístico e promoção estatal (p. 62). Do produtor à butique — esse o caminho

do artesanato “emigrado”. Nesse roteiro, as peças artesanais perdem sua função específica, transformando-se no souvenir, no enfeite de prateleira, no penduricalho de madame, no kitsch, ou mesmo em peças de museu; de qualquer modo, deslocadas de seu contexto sócio-econômico-cultural.

Semelhantemente ocorre com as festas que, em resumo, deixam de ser eventos com participação comunitária, enraizados na vida da coletividade, passando a ser espetáculos para serem vistos por um público estranho a elas. A ponto de surgir o que o autor chama de “cultura fotogênica” — os turistas procurando fotografar o que para eles é exótico, enquanto “os habitantes de Janitzio cobram para posar”... numa comemoração dos mortos!

Entre nós, folcloristas menos interessados no superficial e mais preocupados com o processo de mudança que é comum nas sociedades ocidentais, nesta segunda metade do século XX, já fizeram sentir essa problemática e seus resultados, geralmente desfavoráveis aos padrões da cultura popular (mas nem de longe pretendendo defender a anacrônica posição de purismo). Haja vista os famigerados “candomblés de turistas” na Bahia e noutras plagas; as dezenas de ônibus e automóveis que atravancam as ruas estreitas e despejam centenas de turistas por ocasião de eventos tradicional-populares em núcleos antigos como S. Luiz do Paraitinga, Santana do Parnaíba, Aldeias de Carapicuíba, Parati, Ouro Preto, Pirenópolis e outros; também os festivais e quejandos às vezes promovidos por órgãos públicos, como ocorre em S. Cristóvão, Olímpia, Sto. Amaro, Salvador, etc. Quanto ao artesanato, há inúmeros exemplos de interferência cultural no trabalho dos produtores e na funcionalidade das peças; bastaria citar, rapidamente, a atuação da Paratur, da Codevale, da Fundação Cultural do Amazonas, da Sutaco. Nesses contextos, uma constante: a preocupação em conhecer as vivências do povo, talvez até apoiá-las e “defendê-las” — perigosamente para elas próprias, pois defesa já é interferência — porém como fugir dessa realidade? As colocações de Canclini são válidas para o Brasil, o Peru, a Bolívia, enfim para tantos outros países cultural e economicamente dependentes.

O estudioso argentino e radicado no México, tenta conclusões, lembrando a necessidade da participação e da organização dos próprios artesãos para não serem explorados, também a necessidade de se evitarem os desvios das festas populares. A intenção é boa, mas será o caso de lembrar que o autor não dá a receita mágica para se chegar à sua concretização; alguém a possui?

É um livro ótimo como estudo e debate do dilema em que se acham as culturas populares de países dependentes frente não apenas ao sistema capitalista — tantas vezes agravado pelos excessos que uma minoria dominante inventa em seu benefício — mas frente a uma série de circunstâncias destes tempos modernos.

Américo Pellegrini Filho